

Uma leitura entre Mito e Memória em *Leite Derramado*, de Chico Buarque

A reading between Myth and Memory in *Leite Derramado*, de Chico Buarque

Carla Ranzani Magatti

Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária.

Resumo: O presente artigo analisa a obra **Leite Derramado** (2009), do autor contemporâneo Chico Buarque, com o intuito de investigar como se organiza a estrutura literária memorialista no romance. Ademais, tem por objetivo observar e destacar como são construídos os traços da memória e do mito no relato em tempo passado e presente. Para a realização deste estudo, aponta-se a escrita memorialista, a relação entre memória e mito e o contexto tempo e memória inter-relacionados no romance **Leite Derramado**.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Mito; Memória; Chico Buarque; Leite Derramado.

Abstract: This article analyzes the work **Leite Derramado** (2009), the contemporary writer Chico Buarque, in order to investigate how it organizes the memoirist literary structure in the novel. Moreover, it aims to observe and highlight how are built the traces of memory and myth in the story in past and present time. For this study, points to memoirist writing, the relationship between memory and myth and time context and inter-related memory in the novel **Leite Derramado**.

Keywords: Brazilian Literature; Myth; Memory; Chico Buarque; Leite Derramado.

Introdução

Ao difundir o olhar sobre a escritura da memória em **Leite Derramado**, parece-nos pertinente fazer uma relação com o mito, que conforme Brandão (1986, p.48) “é a expressão do mundo e da realidade humana, cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações”. Ainda segundo o autor, na medida em que se pretende explicar a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: pelo contrário, é ilógico e irracional, prestando-se, dessa forma a inúmeras interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se, é aprofundar nosso conhecimento para desvendar os signos que o mito nos traz. Para tanto, remontaremos o provável papel da memória mítica e como ela se aplica na narrativa inconstante de Eulálio, o protagonista do livro **Leite Derramado**, de Chico Buarque.

Da saga familiar: a tradição oral, a memória e o mito

A saga familiar na trama narrativa de **Leite Derramado** (2009), de Chico Buarque é desenvolvida pelo narrador-protagonista Eulálio Montenegro D'Assumpção, um velho enfermo, que resolve contar suas memórias no leito de um hospital. O narrador esbarra em uma temática sempre explorada nos romances de Chico Buarque: a solidão.

Eulálio tece, em primeira pessoa, seu “palavrório”, como ele mesmo diz, misturando passado e presente, apoderando-se da memória para criar a representação de um mundo feito por meio de projeções idealizadas: “Se o passado tivesse sido assim...”.

A estrutura memorialista em **Leite Derramado** é constituída por monólogos de Eulálio, dispostos em 23 capítulos, que podem ser considerados o número de *flashes* rememorados pelo protagonista para construir o seu relato breve e fragmentado.

Na oscilação entre o imaginário e o provável, o narrador conta suas memórias para uma personagem que se confunde ora como uma enfermeira, ora com a filha Maria Eulália, ora com a esposa, Matilde, supostamente falecida há vinte anos.

O protagonista ainda reconstrói o símbolo de um Brasil pretérito, buscando um olhar sobre o processo histórico de desenvolvimento do país dando ênfase à reflexão em torno do poder do nome no contexto político brasileiro, desde sempre, pois

seu próprio nome, Eulálio, é um grilhão que o prende a uma corrente de homônimos – pai, avô, bisavô, tetravô, todos Eulálio também. “Era menos um nome do que um eco” ele diz. Por suas lembranças circulam presidentes da República, como Venceslau Brás e Epitácio Pessoa. Nomes fortes que massacram o seu. Só quando dito pela falecida Matilde, o grande amor de sua vida, o nome Eulálio ganha uma singularidade e parece lhe pertencer. (sic) “em sua voz ligeiramente rouca, parecia que meu nome Eulálio tinha uma textura”. Sem a voz do outro, um nome não é nada (CASTELLO, 2009, p. 3).

O enredo propõe o protagonista “Eulálio D'Assumpção [como] homem de família influente [que narra sua história familiar] desde os ancestrais portugueses, com passagens de proximidade com o poder imperial e da República Velha” (PAULO, 2009, p. 3). Mas, apesar de toda a riqueza material em que o narrador se apoia para tecer seu discurso, ele encontra-se falido, e como moribundo, é o retrato da solidão e do descaso dado aos velhos em uma sociedade capitalista. Mesmo assim, em um hospital público,

ele rememora os tempos áureos de um passado e, com essa rememoração, transforma o tempo presente em algo menos doloroso para ser vivido.

A narrativa entretece e mimetiza, mediante as lembranças, a corrupção política, o preconceito racial, a arrogância da elite brasileira do período e ainda a solidão do homem moderno. Eulálio, quando rememora é capaz de inserir-se na criação de cenas, fatos que possuem a função de situá-lo no mundo que ele idealiza. Segundo Bergson (1999, p. 77), “a função da memória é situar-nos no mundo”, afinal, ela guarda registros, percepções, sensações, que foram, um dia, de importância significativa para nós.

Assim, ao rememorar fatos, o narrador constrói micronarrativas provenientes da projeção do imaginário somadas às lembranças, construindo relatos distorcidos.

O ato de rememorar, atribuído mitologicamente a deusa Mnemosine, nascida da união da deusa Gaia (a Terra) e de Urano (o Céu), era atribuído pelo poder dado aos poetas e adivinhos, ao voltarem para o passado e lembrá-lo para a coletividade, permitindo assim que as lembranças se tornassem memoráveis e não morressem jamais.

A continuação da história grega de Mnemosine traz a criação de nove deusas que representam o conhecimento. Um dos Titãs, Cronos, depois de destronar o pai e instaurar um governo ainda mais severo do que seu ancestral, é por sua vez destronado por seu filho Zeus num terrível combate. Como celebração, Zeus e Mnemosine unem-se por nove noites e desta união nascem nove filhas, as cantoras divinas que tinham por função presidir as formas diversas de pensamento: sabedoria, eloquência, persuasão, história, matemática, astronomia.

Muito nos pode dizer o mito de Mnemosine e das Musas se o relacionarmos aos estudos contemporâneos sobre a memória. A Mnemosine mítica aparece como primeira geração divina. Seu canto, junto com as Musas, representa a fonte de inspiração para evocação da memória, já que elas são responsáveis por levar-nos a momentos de revelações e conhecimento do mundo, quando utilizam o poder de despertar o poeta para o passado.

Não ocorre ocasionalmente a relação da personagem Eulálio, com a Mitologia. A representação mítica da Deusa Mnemosine está presente em **Leite Derramado** como memória. O narrador vai buscar em suas lembranças a possibilidade de criar outra história. Assim, ao direcionar-se para o passado e visualizar o tempo presente, ele torna inaceitável a vida, e luta para construir novo enredo que ironicamente metaforiza a memória que faz da narrativa algo que desvela, manipula, repara, acrescenta para

desaparecer. O suposto passado próspero volta para preencher as lacunas de um presente infeliz.

As relações entre Literatura e Mitologia, enquanto fenômeno de linguagem ligados ao mistério da representação, conduzem-nos a observar pontos de conexão desses dois universos, já que eles mantêm, entre si, aproximações bastante estreitas (BASTAZIN, 2006, p. 81).

A memória permite ao narrador reencontrar o seu lugar no mundo, perceber-se novamente, situar-se dentro das histórias criadas para possuir o domínio sobre uma realidade do tempo presente que havia se tornado estranha. A personagem, Eulálio, almeja o reconhecimento como pessoa rica, influente e situada no mundo. A partir da memória, é possível reconhecer-se.

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 1999, p. 77).

Para que haja percepção, a memória deve trazer de volta as principais figuras que fizeram parte de nossas vidas. Eulálio a representa pela condensação dos fatos – atribuídos por ele – e revelados ao leitor, pela mobilidade com que ele tece o discurso e ainda pela experiência da velhice e aproximação da morte (o protagonista narra em um ambiente nada hostil – o leito de um hospital), no discurso criado por ele. Ele reconstrói personagens que estiveram guardados há tempos no passado como figuras que mimetizam importância à sua vida.

Por isso, quando surgem as figuras destas personagens no tempo presente, surge também, pelo discurso do narrador, a (re)construção da imagem do passado – como primordial. “Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso [...]” (LD¹, p. 14).

Em meio a essas figuras, destaca-se a obsessão pela imagem enevoadada de Matilde, mulher de Eulálio. Na tessitura do enredo, não sabemos se Matilde foi morta,

¹ As citações da obra **Leite Derramado** serão indicadas pela sigla LD, seguida da paginação correspondente.

cometeu suicídio, sumiu ou até mesmo, jamais existiu. Ela representa ao protagonista a dor da saudade, a imagem do amor idealizado. Para manter esse sentimento vivo, ele rememora de forma constante e confusa as aparições de sua amada:

Muito mais tarde, depois que ela saiu da minha vida, mantive o capricho de procurá-la do mesmo jeito, toda noite, no chalé de Copacabana (LD, p. 46).

Depois que me deixou, nem posso imaginar quantas aflições Matilde teve em sua existência. Sei que a minha se alongou além do suportável, como linha que se esgarça. Sem Matilde, eu andava por aí chorando alto, talvez como aqueles escravos libertos de que se fala (LD, p. 56).

Escusei-me, eu viajava a negócios boa parte do ano, ademais era viúvo, minha mulher falecera aos dezessete anos em trabalho de parto, de eclampsia (LD, p.98).

Lançar os olhos ao espaço poético do discurso das recordações de Eulálio aponta-nos a importância do espaço interno desse protagonista. Quando dizemos espaço interno, referimo-nos ao mundo solitário e único que o narrador habita. Ele se torna confiante de sua própria consciência. Eulálio estrutura e desestrutura os fatos que o atormentam. O discurso do protagonista não tem um referencial concreto sobre a história de sua vida com Matilde, o que, de fato, constrói a representação de uma mulher que habita somente a sua memória.

Matilde aparece sempre nas lembranças de Eulálio como uma das personagens mais marcantes em sua vida. Conforme análise feita, a rememoração da personagem acontece em todos os capítulos do romance.

A figura dessa mulher se faz por meio da representação do duplo: vida *versus* morte, pois em algumas aparições relacionadas com a representação da vida, mesmo que de forma confusa, ela figura a felicidade que o protagonista busca em sua memória para continuar vivendo. Algumas palavras no discurso do narrador caracterizam essa representação:

[...] Chegou, me fitou com os olhos subitamente marejados, em abraçou e sussurrou no meu ouvido, coragem, Eulálio. Matilde falou Eulálio, e me confundiu. Tive um arrepio pelo seu sopro quente em meu ouvido, e outro arrepio a contrapelo [...] (LD, p. 31)

[...] Porém meu desejo pela sua mãe permanecia vivo, sua lembrança me assaltava na cama, no banho, na escada, a cozinha eu até evitava. (LD, p. 93)

Mas Matilde é leve de espírito, e já a caminho da praia ria que se ria bamboleando a menina, que estreava um maiô igual ao seu. (LD, p. 108)

Ao mesmo tempo em que as lembranças do protagonista o levam até Matilde como representação da vida, podem também levar, quando há esquecimento, a presença da morte.

Quando o narrador transita entre a ação de lembrar e de esquecer, e o esquecimento toma força maior em seu discurso, ele se distancia da ação de viver (representada pelas lembranças) e se encontra diante da morte (representada pelo esquecimento).

Logo, o enredo ora revela um discurso capaz de representar a vida, por meio de Matilde, e ora a morte quando o narrador esbarra em percalços de esquecimento. Dessa maneira, seu discurso oscila entre os duplos vida *versus* morte, lembrança *versus* esquecimento:

[...] Era uma agonia, mais eu puxava pela memória, mais sua imagem se desfiava. Restavam dela umas cores, um ou outro lampejo, uma lembrança fluída, meu pensamento em Matilde tinha formas vagas, era pensar num país e não numa cidade. Era pensar no tom da sua pele, tentar aplicá-lo em outras mulheres, mas com o tempo também fui esquecendo meus desejos [...]
(LD, p. 136)

Os duplos criados pelo narrador expõem também as faces diferenciadas que ele representa. Ao criar e recriar diversos “Eulálios” – o marido inocente abandonado por Matilde; o contador de histórias, ludibriador e retentor das palavras remete o relato a uma busca incessante por sua própria identidade.

A reconstrução do discurso constitui as faces diferenciadas do protagonista, diante das histórias narradas por ele, de diferentes formas no decorrer do romance.

A pluralidade sógnica desenvolvida pela linguagem é tratada por Paz (1986, p.38) como transgressões da contemporaneidade, que “assumem muitas formas, mas se manifestam sempre de duas maneiras: por analogia e por ironia.” Sendo verossímil, o contexto da vida de Eulálio, um velho moribundo, pode estar relacionado a uma visão crítica, feita pelo narrador, contextualizando a falta de atenção aos velhos em nossa sociedade. Eles são tratados, pela maioria das pessoas, com descaso e desrespeito. Eulálio sustenta essa tese e ainda tenta fugir da velhice, narrando a história de sua

infância e juventude, épocas em que acreditava ter reconhecimento. Hoje, o que lhe resta são as memórias para contar.

Dessa forma, o narrador cria “o mito [que] conta uma história sagrada [digna de veneração da personagem], relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos” (ELÍADE, 1986, p.11), tempo passado que não volta mais, e se esfacela aos poucos.

A analogia constituída no romance se dá entre a possibilidade de construção de variadas e novas histórias provenientes do discurso mitificado de Eulálio e dos fatos resgatados pela memória. Assim, memória e mito se entrelaçam e, apesar de serem objetos diferentes, possuem relações de semelhança – eles são pontos iniciais de reconstrução do enredo.

Inevitável seria não visualizarmos diante desta criação o tempo narrativo cíclico, pois Eulálio insere seus ouvintes em uma suposta ciranda, cujo ato de movimentar-se está relacionado ao seu discurso desenfreado. A história da vida de Eulálio é almejada como única e apesar de relatada de forma constante, volta sempre ao mesmo lugar de origem, onde tudo se constrói, refaz e desfaz.

Portanto, o discurso de Eulálio estrutura-se de forma que “sua essência é o ritmo, quer dizer, o tempo feito de aparições e desaparecimentos, mortes e ressurreições [...]” (PAZ, 1986, p.38), tempo capaz de gerar micronarrativas e, em constante movimento, capaz de levar o leitor do passado ao presente em questão de instantes. Além disso, essa atemporalidade desvela o Eulálio humano e o Eulálio mito, por meio do movimento discursivo tecido pelo protagonista.

Enquanto na analogia das lembranças, mito e memória constroem e desconstroem o romance envolvendo novas e velhas histórias que se fundem ironicamente. Afinal, Eulálio inicia sua vida na Fazenda Raiz da Serra (antes propriedade da família) e volta, quando velho, a morar no mesmo lugar, em condições diferentes agora “de favor”, em uma casinha humilde, num bairro antes nobre, hoje uma comunidade.

Ao explorar o sentido próprio de **mito**, como criador de um tempo que não cessa, sabe-se que a memória tem como característica o lembrar sem fim, ou seja, tem-se neste contexto, da mente, a infinita reconstrução dos fatos; misturados, somados ao presente e passado, cíclicos sem sequer conseguir voltar da forma como um dia foi. O relato inicial, deste modo, jamais volta a ser o mesmo, tal qual se pode referenciar no

título do livro: **Leite Derramado** – sendo o leite, ao derramar-se, algo que não se cata, não se resgata.

Desta forma, esse tempo memorialista pode surgir, ainda, com outros enredos. Assim, como o domínio da memória é feito por seu dono, o ato da fala e da retórica, muito individual, é também característica única do protagonista na trama. Eulálio cria o tempo que não cessa por meio de sua oratória, como que se quisesse incessantemente evitar a morte e buscar a vida eterna por meio das palavras, e são estas palavras que o transformam como mito, por conta da sua imortalidade criada em seu discurso sem fim.

O mito torna presente a existência do ser e o revela como alguém participativo na história da sociedade. Tanto que, nas sociedades arcaicas, o mito tem o papel essencial de reatualizar o conhecimento, de servir como base de histórias para que haja novas explicações sobre os fatos contados.

Ao recordar e reatualizar fatos, o narrador recorta histórias escutadas, lidas, experimentadas por ele e torna-se responsável por reconstruir histórias, criando assim, um presente que se esvai enquanto vivido. Conforme Santos (2006, p. 81), “a memória e a experiência introduzem, via oralidade, a base primordial para a distinção dos eventos, considerados anteriores (pretéritos) e posteriores (futuro) inseridos num presente que se constrói como se fosse uma espiral de universos alternativos”.

Os universos alternativos possibilitam o conhecimento de mitos e conhecer os mitos é aprofundar-se no aprendizado das origens, dos costumes, das tradições e da história da sociedade. O mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Mito é a palavra, a imagem, o gesto que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança.

A memória de Eulálio ressalta suas lembranças como símbolos de sobrevivência. Quando utilizados como palavra tomam vida, assim recontados, resgatam fatos, sensações, experiências de um pretérito para tornar as palavras e o tempo vivos, eternos e infinitos.

Entre a recusa linear, o protagonista desvela poesia no entretecer do romance. Constrói signos de representação a objetos que compõem os espaços da casa. Usa o vocábulo *porta aberta*, local de passagem das pessoas para representar a busca por Matilde, pelo tempo passado, como se estivesse sempre “aberto” à volta do que julgava ser seu melhor tempo, o tempo da possibilidade do viver:

[..] perdido num labirinto com setecentas portas. Mas eu não tinha dúvida de que, para mim, a **porta** certa se **abriria** sozinha. De trás dela, me chamaria pelo nome justamente a pessoa que eu procurava (LD, p. 43; grifo nosso).

E até o fim deixei todas as **portas abertas** para ela, mas eu não deveria lhe falar tanto assim da minha mulher. Lá vem você com a seringa, é melhor dormir, tome meu braço (LD, p. 47; grifo nosso).

Mas antes disso, Copacabana se assemelhará a Chicago, com policiais e gangsters trocando tiros pelas ruas, e ainda assim dormirei de **portas abertas** (LD, p. 49; grifo nosso).

Do ato de narrar do protagonista surge um mito que reatualiza os fatos acontecidos e resgata o tempo da imortalidade. Ao protagonista, aquilo que estaria perdido, é hoje recuperável pelas lembranças que se desdobraram em múltiplas versões. Conforme Todorov (2003),

o discurso literário [...] pode ser classificado pelo nome *poética* como forma de linguagem. Poética esta que transita entre a antiguidade e o contemporâneo. Que constrói e desconstrói, que traz aos tempos modernos novas leituras. Que é usada como meio para (re)estruturarmos o texto literário, cheio de significações plausíveis (p.45).

Dessa forma, o que é importante como análise, são as propriedades que direcionam este discurso. A história em si não nos importa tanto, o que realmente nos importa é a forma como ela é contada e, também, como o protagonista direciona e dá a conhecer os fatos, a recriação dos momentos, cujo traço dominante na palavra é o poético memorialista.

A mitologia, segundo Mielietinski (1987, p.16), é “condição indispensável e matéria-prima de toda arte”, ou seja, o início possível para a composição do discurso literário, “único solo em que podem brotar e medrar as obras de arte”.

Em **Leite Derramado**, paralela à história narrada, verificamos uma possível aproximação da personagem Eulálio ao mito de Orpheu. Na mitologia grega, Orpheu era poeta e músico, e, ao tocar a lira de Apolo, conseguia tranquilizar os animais e os homens. Ele desceu ao inferno para recuperar a sua amada, Eurídice, morta após uma picada de serpente. Chegando lá, tocou sua lira e conseguiu transpor o portal do mundo dos mortos, guardado por Cérbero.

Para convencer Hades, o deus dos mortos, a trazer Eurídice ao mundo dos vivos, tocou a sua lira. Hades sentiu-se comovido e permitiu Orpheu resgatar Eurídice,

com uma condição: que não olhasse para trás enquanto subia à Terra. Quando Orpheu ascendeu de volta à superfície, acabou fazendo aquilo que não deveria, olhou para trás e perdeu sua amada para sempre.

Orpheu tornou-se frio em decorrência da perda de Eurídice. Ele passou a desprezar qualquer mulher, entre elas, as Mênades, que ficaram furiosas, atirando-lhe dardos. Com sua lira, Orpheu conseguiu desviar os dardos, mas as Mênades começaram a gritar e abafaram a música, e assim, elas conseguiram dominá-lo. Depois, despedaçaram a sua cabeça e a atiraram ao rio.

Se, de um lado, Eulálio tenta conquistar a atenção das pessoas, como contador de sua própria história, de outro, Orpheu as atrai com a lira de Apolo. Ambos exercem a arte, para tentar encantar as pessoas; aquele se utiliza da oralidade e do poder da retórica, este da música como atração irresistível.

O imaginário popular relacionava Orpheu ao adjetivo grego ‘orpnós’, obscuro, ou ao substantivo ‘órphne’, obscuridade, pelo fato de ele ter descido ao Inferno, isto é, ao Hades. Uma descida ao Hades era a proeza mais desafiadora de um ciclo mítico heróico. Para Eulálio, o signo da obscuridade é sua própria memória, e ao adentrar nela, ele traz fatos obscuros, desordenados, entretrecidos pela recriação de seu monólogo interior, o seu ciclo mítico.

Como item da técnica narrativa, o monólogo centralizado ao interior da personagem, ao adentrar do Eu, direciona o leitor ao fluxo de consciência do narrador. Aqui, a figura do Eu dirige-se a si próprio. Edouard Dujardin, no século XIX, utilizou-a pela primeira vez, e a descreveu como “uma expressão do pensamento mais íntimo, mais próximo do inconsciente, anterior a qualquer organização lógica, reproduzido em sua forma nascente, com frases reduzidas ao mínimo de sintaxe, constituindo um discurso impronunciado e sem auditor que se desenrola de forma desordenada e até caótica, sem qualquer intervenção disciplinadora e esclarecedora do narrador; fluindo livremente, é formado por ideias e imagens de todo tipo que atraem ou repelem na consciência da personagem (*Apud SILVA, 1976, p. 128*).

Orpheu desce ao Hades, mas não consegue o que deseja, pois ao olhar para trás, realiza o que não lhe é permitido à condição humana e perde a harmonia, palavra grega que significa “junção das partes”. A sua realização de ciclo mítico se interrompe. Eulálio, por sua vez, resgata a amada, os bons tempos vividos, a vida, quando a memória traz suas lembranças do passado. Assim como Orpheu, o protagonista de **Leite Derramado** é inseguro, vive de “olhar para trás”, ou seja, seu

passado, conforme a concepção do protagonista, o faz ser mito, o que opõe a ser também, algo etéreo, pouco consistente às pessoas que escutam o seu discurso.

Para Orpheu, Eurídice também surge de forma obscura, e a mesma visão de Matilde, a personagem Orpheu também tem sobre Eurídice. Quando ele não cumpre o prometido à Hades, na subida ao reino dos vivos, ele olha para trás e como consequência de sua desobediência aos deuses, transforma sua amada em fumaça.

Após perder sua Eurídice, Orpheu é hostilizado e assassinado. De forma semelhante, Eulálio é marginalizado e, embora continue vivo, seu discurso obstinadamente está condenado à morte social; ele não é ouvido de forma respeitosa, sequer pelas pessoas que estão próximas. Destaca-se aqui a figura do subterrâneo, da profundidade interior, do submundo em que são lançadas as personagens e ainda, da insegurança causada pela morte, presente no discurso de Eulálio e na desconfiança de Orpheu.

A imagem rememorada de Matilde sempre aparece enevoadada, coberta por dúvidas. Assim como no discurso obscuro, no esquecimento do protagonista, da imagem dela, tem-se a representação da vida (quando em memória e palavra) e da morte (ao lembrar que Matilde habita apenas o passado).

Ambos resgatam suas partes perdidas no tempo e na ilusão, mas não podem retê-las como antes; existe apenas a sombra do que as amadas foram para eles e a destruição das suas vidas após perdê-las.

Eulálio, ao contar sua história, tenta convencer o ouvinte/leitor a lhe conceder a imortalidade. Já Orpheu utiliza a música para avançar no mundo dos mortos, resgatar sua amada e presenciar a provável imortalidade. Dessa forma, temos outra aproximação de fatos: os dois protagonistas não aceitam a morte.

Considerações Finais

O que permite ao protagonista de **Leite Derramado** continuar a composição da narrativa e fugir da morte é a ação da memória. A morte seria o equivalente ao esquecimento do passado. Assim, o lugar da memória passa a ser o lugar da imortalidade, o espaço da transformação do passado em presente. A memória é o espelho de nossa identidade; ela está presente em nossos corpos, em nossa linguagem, no que julgamos de valor e, muito além, ela nos identifica como indivíduos pertencentes a uma sociedade.

Conforme Baptista (2006), “na Grécia Arcaica, o esquecimento é uma água da morte, enquanto a Memória é fonte da imortalidade”. Ou seja, a memória significava vida para os gregos. Assim, os poemas e mitos gregos geralmente louvam a deusa Mnemosine, por inspirarem os poetas a criar e cuidar da memória destes criadores.

Os mitemas, ou seja, as partículas essenciais de um mito, existem tanto na narrativa de Orpheu, quanto na de Eulálio, pois, conforme já dissemos, ambas as histórias possuem semelhanças e compartilham particularidades.

Nos fragmentos dos fatos narrados por Eulálio, observamos a construção, no fluir do tempo, de um discurso descentralizado e constante, responsável pelo movimento da obra e pela vida que o protagonista procura assegurar.

Assim, Eulálio transita sua narrativa entre o passado e o presente a procura de alguém que possa lhe ouvir e escrever sua história, para fazê-la eterna, imortal, como a dos deuses mitológicos. Nesse vaivém desordenado do enredo memorialista, como leitores, a existência do convite para criar outras histórias é inevitável e assim, tornar Eulálio mito, pois suas histórias são infinitas, imortais. O enredo passa a ser um espaço para a libertação de Eulálio do ambiente imóvel em que ele se encontra: o leito de um hospital e ainda possibilita ao protagonista a busca pela criação de uma nova vida - sonhada. A utopia na linguagem torna-se assim um projeto de realização dos desejos, afinal, por ela, a personagem pode ser o que ele quiser construir.

Referências

- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Tempo-memória*. São Paulo: Arké, 2007.
- BASTAZIN, Vera. **Mito e Poética na Literatura Contemporânea**: um estudo sobre José Saramago. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1999.
- BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega**. vol. I, Petrópolis: Vozes, 1986.
- BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CASTELLO, José. **Vazio que define o mundo**. http://www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=crit_leite_globo_cast.htm. O Globo. 28/03/2009.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: 70, 2002.

MIELIETINSKI, Eleasar M. **A poética do mito**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987

PAULO, João. **Artimanhas da memória**.

http://www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=crit_leite_uai_joaopaulo.htm.

UAI.com. 20/04/2009.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Trad. Olga Sawary.

SANTOS, Maria Trindade Martins dos. **A memória no espaço da escritura de quarto de hora**: contos de Maria Lúcia Medeiros. São Paulo: PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 2006

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina, 1976.

TODOROV. Tzvetan. **Poética da prosa**. Tradução de Claudia Berliner, São Paulo: Martins Fontes, 2003